

# SCS452 Corupá: novo cultivar de bananeira do subgrupo Cavendish

Luiz Alberto Lichtemberg<sup>1</sup>, Robert Harri Hinz<sup>2</sup>, Jorge Luiz Malburg<sup>3</sup>, Márcio Sônego<sup>4</sup> e Luiz Augusto Martins Peruch<sup>5</sup>

**Resumo** – A seleção de cultivares de bananeiras do subgrupo Cavendish busca plantas produtivas, com menor porte, boa qualidade de fruta e maior resistência às pragas e doenças. Assim, a Epagri tem buscado selecionar clones de bananeira superiores em uma ou mais dessas características, aproveitando a diversidade resultante de mutações induzidas pelo ambiente subtropical do Estado. Este trabalho resultou na seleção do cultivar SCS452 Corupá, que, quando comparada ao cultivar Nanicão, que lhe deu origem, apresenta plantas cerca de 20% mais baixas, o que facilita a execução de tratamentos culturais, controle de doenças, colheita e proteção contra ventos, além de permitir maiores densidades de plantio.

**Termos para indexação:** *Musa* sp AAA, banana, características, produtividade.

**Abstract** – The selection of the Cavendish subgroup of banana cultivars looks for productive plants with less height, good quality of fruits and improved resistance to pests and diseases. Thus Santa Catarina Rural Extension and Agricultural Research Agency (Epagri) has been selecting superior banana clones with one or more of these traits, using the diversity which results from mutation induced naturally from the State subtropical climate. This study resulted in the selection of SCS452 Corupá cultivar, which, compared to Nanicão, from which it originated, presents 20% shorter plants, which facilitates plant management, disease control, harvest and wind protection, besides allowing larger plant population density.

**Index terms:** Cavendish subgroup, *Musa* sp AAA, banana, characteristics, yield.

## Introdução

No Estado de Santa Catarina a bananeira se destaca como a principal frutífera, tendo ocupado uma área de 31.090ha, 30.931ha e 32.379ha, nos anos agrícolas 2006/07, 2007/08 e 2008/09. A produção catarinense de bananas, nesses três anos, foi de 655.973t, 575.798t e 670.245t, respectivamente (Epagri, 2009). Economicamente, a bananicultura é responsável por 3,1% do valor da produção da agricultura catarinense (Miranda & Lichtemberg, 2010). Muitos municípios catarinenses têm na bananicultura um dos sustentáculos da sua economia. Socialmente, sua importância é muito grande, pois cerca de 6 mil famílias rurais se dedicam à atividade no Estado (Epagri, 2009). No cenário nacional, Santa Catarina aparece como terceiro maior produtor de bananas, com 8,3% dos 6,97 milhões de toneladas produzidas no Brasil no ano agrícola 2007/2008.

O melhoramento genético da bananeira nas Estações Experimentais da Epagri em Itajaí e Urussanga é feito através de introdução e avaliação de variedades, clones e híbridos. Esses materiais são introduzidos de outros Estados e instituições brasileiras ou coletados no próprio Estado de Santa Catarina. Com o objetivo de obter clones de bananeiras produtivos, de porte médio, tolerantes ao frio, aos ventos e às principais doenças da cultura, a Epagri realiza desde 1981 um trabalho de seleção de mutantes naturais, com a colaboração de bananicultores catarinenses. O clima subtropical do Estado, devido ao estresse climático por frio, favorece o surgimento de mutações nas gemas das bananeiras, originando novos genótipos. Os trabalhos de seleção são realizados com bananeiras dos subgrupos Cavendish e Prata dada a importância desses subgrupos para Santa Catarina e para o Brasil.

Em Santa Catarina aproximadamente 75% da área plantada e 90% da

produção de bananas são do subgrupo Cavendish e o restante do subgrupo Prata, segundo dados do LAC (Epagri, 2004). No Litoral Norte catarinense predominam os cultivares do subgrupo Cavendish, enquanto no Sul do Estado predominam os cultivares do subgrupo Prata (Epagri, 2004). Os principais cultivares de bananeira no Estado são Nanicão e Grande Naine, do subgrupo Cavendish, e Enxerto (Prata Anã) e Branca (Branca de Santa Catarina), do subgrupo Prata (Lichtemberg et al., 2010). No Brasil, as bananas do subgrupo Cavendish ocupam o segundo lugar, com aproximadamente 35% da produção nacional, depois das bananas do subgrupo Prata, com cerca de 50% da produção nacional.

Este artigo apresenta um novo cultivar de bananeira do subgrupo Cavendish, a SCS452 Corupá, registrado no RNC/Mapa no dia 11/8/2010 sob nº 27.002. Os resultados obtidos com o novo cultivar SCS452 Corupá são comparados aos de outros cultivares do subgrupo Cavendish.

Aceito para publicação em 26/9/11.

<sup>1</sup> Eng.-agr, M.Sc., Epagri/Estação Experimental de Itajaí, C.P. 277, 88301-970 Itajaí, SC, fone: (47) 3341-5244, e-mail: eei@epagri.sc.gov.br.

<sup>2</sup> Eng.-agr, M.Sc., Epagri/Estação Experimental de Itajaí, e-mail: eei@epagri.sc.gov.br.

<sup>3</sup> Eng.-agr, M.Sc., Epagri/Estação Experimental de Itajaí, e-mail: eei@epagri.sc.gov.br.

<sup>4</sup> Eng.-agr, Dr., Epagri/Estação Experimental de Urussanga, C.P. 49, 88840-000 Urussanga, SC, fone: (48) 3465-1209, e-mail: eeur@epagri.sc.gov.br.

<sup>5</sup> Eng.-agr, Dr., Epagri/Estação Experimental de Urussanga, e-mail: eeur@epagri.sc.gov.br.

## Origem do cultivar SCS452 Corupá

O novo cultivar é oriundo de uma planta mutante natural, coletado em um bananal do cultivar Nanicão, na propriedade do senhor Adelhardt Gessner, na Estrada Filipe Schmitt, município de Corupá, microrregião homogênea de Joinville, em Santa Catarina. A planta foi selecionada por apresentar porte mais baixo que o cultivar de origem e cacho e frutos com boas características (Figuras 1, 2 e 3). Foram coletadas na touceira cinco mudas de rizoma inteiro, que foram plantadas na Estação Experimental de Itajaí (EEI) em 23/10/1987, para multiplicação inicial, recebendo o código SC-098.

## Metodologia de avaliação do cultivar SCS452 Corupá

Em 18/10/1995 dez mudas da seleção SC-098 foram plantadas em uma coleção de cultivares na Epagri/EEI, em Itajaí, SC. Em 29/10/1997 dez mudas da seleção SC-098 foram plantadas em nova coleção de cultivares, na Epagri/EEI, em Itajaí, SC. Entre 1999 e 2000, foram instalados cinco campos de avaliação, com 50 plantas por parcela, para comparar o comportamento dessa seleção com outros materiais do subgrupo Cavendish no Litoral Norte e no Sul de Santa Catarina: em 18/2/1999, em Luís Alves; em 2/3/1999, em Guaramirim; em 18/10/2000, em Corupá; em 5/11/1999, em Jacinto Machado; em 27/9/2000, em Santa Rosa do Sul. Nesses estudos foram avaliados e comparados o desenvolvimento vegetativo, a produtividade e o comportamento da seleção SC-098 em relação às principais pragas e doenças da cultura. As características botânicas do SCS452 Corupá foram avaliadas na primavera de 2009 apenas em Itajaí.

## Descrição das principais características botânicas do cultivar SCS452 Corupá

O novo cultivar SC452 Corupá é uma bananeira triploide AAA, de porte



Figura 1. Porte típico da SCS452 Corupá no bananal de origem



Figura 2. Cacho de 'Corupá' na safra de inverno em Santa Catarina



Figura 3. Pencas de 'Corupá', da safra de inverno em Santa Catarina

médio, com características do subgrupo Cavendish. As características botânicas do novo cultivar foram avaliadas em outubro de 2009, de acordo com os descritores internacionais de bananeira (IPGRI-Inibap/Cirad, 1996). Nas condições de Itajaí, apresentou pseudocaule com robustez média, de coloração verde-oliva. A coloração das bainhas foliares foi rosado-malva externamente, e vermelha internamente. Apresentou seiva leitosa e pouca serosidade nas bainhas foliares. O hábito foliar foi entre intermediário e decumbente. Os filhotes foram lançados verticalmente, próximos à planta-mãe e a pequena profundidade. A produção de filhotes, na caracterização botânica feita em outubro de 2009, em bananal de quarta safra, foi intermediária, com média de seis. Esse resultado diverge, no entanto, dos resultados obtidos na época de floração da primeira safra, nas coleções de cultivares, em Itajaí, nos anos de 1996 e 1998, quando a

produção de filhotes foi considerada alta, com média superior a onze. O desenvolvimento dos filhotes na primeira colheita foi semi-inibido, atingindo altura em torno de 30% à da planta-mãe.

Apresentou pequenas manchas marrom-escuras na base do pecíolo, que apresentou canal aberto com margens aladas. As margens do pecíolo apresentaram-se largas (com mais de 1cm), túrgidas (não murchas), verdes e com bordas apresentando uma linha vermelha longitudinal. Folhas grandes, em média com 2000 x 895mm, relação comprimento/largura de 2,2 e de coloração verde-escura brilhante na face superior e verde opaco na face inferior, que se apresentou serosa. O comprimento médio do pecíolo foi de 30cm. A inserção da lâmina foliar no pecíolo foi simétrica, ora com os lóbulos da base das folhas arredondados, ora afilados. A lâmina foliar apresentou-se pouco corrugada, e a nervura central ▶

apresentou-se verde-clara, tanto na face superior quanto na face inferior da folha.

Os filhotes d'água e as plantas jovens apresentaram pequenas manchas roxas nas folhas. O pedúnculo da inflorescência apresentou em média 50cm de comprimento e 7cm de diâmetro, com uma cicatriz (nó vazio), muito piloso, pelos curtos, e de coloração verde-escura, tanto em cachos novos quanto em cachos velhos. O cacho apresentou-se vertical, paralelo ao pseudocaule, com formato de cilíndrico a cone truncado, compacto e com frutos desenvolvidos apenas a partir de flores femininas. A raque masculina ficou presente até a colheita, na posição pendular vertical, com aspecto limpo, ou seja, sem persistência de restos florais e brácteas. O mangará (coração) esteve presente até a colheita e apresentou forma intermediária entre de pião e ovoide e tamanho grande, com dimensões médias, após a abertura completa das pencas femininas de 33cm de comprimento. As brácteas apresentaram coloração arroxeadada externamente e vermelho-alaranjada internamente, base com "ombros" pequenos e ápice ligeiramente pontiagudo. A base da bráctea apresentou zona despigmentada e o ápice da bráctea apresentou coloração uniforme. As estrias externas da bráctea não apresentaram descolorações.

As brácteas apresentaram-se muito sulcadas, serosas e imbricadas, enrolando antes de cair, e as jovens cobriam o ápice do mangará. A relação comprimento/largura da bráctea foi de 1,7. A raque masculina

apresentou cicatrizes proeminentes, sem persistência de flores. A tépala composta da flor masculina apresentou coloração básica creme, com salpicado ferrugem e lóbulos muito desenvolvidos de coloração amarela. A tépala livre apresentou-se arredondada, branco-translúcido e com ápice desenvolvido e triangular. A antera apresentou-se externa em relação ao lóbulo e de coloração creme. A coloração do filamento foi creme e a dos sacos políferos foi marrom.

O estilo apresentou-se com coloração básica branca e com pigmentação rosada, se posicionado no mesmo nível dos lóbulos das tépala. A forma do estilo foi reta na linha externa de flores e com curvatura na base, na linha interna de flores. A cor do estigma foi alaranjada. Apresentou flores irregulares, uma com três e uma com quatro estames para cada dez flores avaliadas. O ovário apresentou-se arqueado, com coloração básica verde, sem pigmentação e com óvulos dispostos em duas linhas. A coloração dominante na flor masculina foi creme. As flores masculinas caíam junto com a bráctea.

A posição dos frutos em relação à raque feminina foi do tipo curva para cima. Os frutos apresentaram-se curvos na base, com secção transversal arredondada, ápice truncado, estilo persistente e comprimento médio de 22cm. O número médio de frutos por penca foi 18. O pedicelo apresentou-se piloso, isolado (sem fusão de pedicelo), com comprimento médio de 20mm e diâmetro de 13mm. A coloração da casca do fruto imaturo foi de verde-

-clara a verde e a dos frutos maduros amarela. A polpa apresentou textura macia, sabor doce e coloração creme-amarelada quando imatura e creme quando madura. Quanto à debulha, os frutos maduros apresentaram boa persistência.

## Principais características agrônômicas do cultivar SCS452 Corupá

Em estudos comparativos com cultivares do subgrupo Cavendish, o SCS452 Corupá apresentou plantas mais baixas do que as dos cultivares Nanicão, Grande Naine e Willians, e plantas mais altas do que as do cultivar Nanica, o que o caracteriza como um cultivar de porte médio-baixo. Em média, seu pseudocaule mediu 84,7% da altura daquele do cultivar Nanicão, no primeiro ciclo, e 81,8% nos ciclos seguintes (Tabelas 1 e 2). O perímetro do pseudocaule tendeu a apresentar a mesma ordem de resultados (Tabelas 3 e 4). Esses resultados foram semelhantes aos obtidos por Sônego et al. (2010) com os mesmos cultivares sob manejo orgânico.

No Vale do Itajaí o peso médio do cacho do SCS452 Corupá foi de 28,409kg na primeira safra e de 30,620kg nas demais safras (1997 a 2000), nas condições da Epagri/Estação Experimental de Itajaí, em Itajaí, SC (Tabelas 5 e 6). A produtividade do SCS452 Corupá atingiu 54,405 toneladas por hectare por ano, na safra 2001/2002 (Lichtemberg et al., 2007). Em propriedades de bananicultores

Tabela 1. Altura média do pseudocaule na floração, em cm, de variedades e clones de bananeiras do subgrupo Cavendish, na primeira safra (planta-mãe). Dados coletados pela Epagri entre 1997 e 2003

Cultivar/clone	Local e ano de instalação							Média
	Itajaí 1995	Itajaí 1997	Luís Alves 1999	Guaramirim 1999	Corupá 2000	Jacinto Machado 1999	Santa Rosa 2000	
Nanicão	265,5	263,8	244,6	246,0	239,5	245,0	244,4	249,8
Grande Naine	233,8	234,2	215,0	246,5	222,3	247,5	227,1	232,3
Willians	234,5	236,2	232,6	238,2	226,8	227,6	225,3	231,6
SCS452 Corupá	217,5	213,1	213,1	217,8	205,3	212,1	202,4	211,6
Nanica <sup>(1)</sup>	184,0	181,6	-	-	-	-	-	-

<sup>(1)</sup> Os dados do cultivar Nanica só foram obtidos em Itajaí, não sendo estudados nos outros locais.

Tabela 2. Altura média do pseudocaule na floração, em cm, de variedades e clones de bananeiras do subgrupo Cavendish, na segunda e terceira safras (primeiro e segundo seguidores). Dados coletados pela Epagri entre 1997 e 2003

Cultivar/clone	Local e ano de instalação e safra (ciclo de produção)						Média
	Itajaí	Itajaí	Itajaí	Luís Alves	Guaramirim	Corupá	
	1995	1995	1997	1999	1999	2000	
	2ª safra	3ª safra	2ª safra	2ª safra	2ª safra	2ª safra	
Nanicão	313,5	310,7	311,4	311,4	303,0	297,3	307,9
Grande Naine	283,8	289,5	291,5	271,5	303,9	288,0	288,0
Williams	273,0	247,5	292,1	326,8	288,1	278,5	284,3
SCS452 Corupá	264,0	251,7	250,4	242,9	250,8	250,9	251,8
Nanica	199,5	206,7	201,5	-	-	-	-

Tabela 3. Perímetro médio do pseudocaule a 30cm do solo, em cm, na época da floração, de cultivares de bananeiras do subgrupo Cavendish, na primeira safra (planta-mãe). Dados coletados pela Epagri entre 1997 e 2003

Cultivar/clone	Local e ano de instalação							Média
	Itajaí	Itajaí	Luís Alves	Guaramirim	Corupá	Jacinto Machado	Santa Rosa	
	1995	1997	1999	1999	2000	1999	2000	
Nanicão	66,9	74,7	71,3	69,7	66,4	63,9	72,1	69,3
Grande Naine	67,7	73,3	65,5	69,7	65,7	64,3	73,3	68,5
Williams	65,3	72,8	68,6	69,9	64,4	62,0	68,7	67,4
SCS452 Corupá	68,1	70,1	66,3	66,2	64,0	62,3	67,3	66,3
Nanica	64,5	67,1	-	-	-	-	-	-

Tabela 4. Perímetro médio do pseudocaule a 30cm do solo, em cm, na época da floração de cultivares de bananeiras do subgrupo Cavendish, na segunda e terceira safras (primeiro e segundo seguidores). Dados coletados pela Epagri entre 1997 e 2003

Cultivar/clone	Local e ano de instalação e safra (ciclo de produção)						Média
	Itajaí	Itajaí	Itajaí	Luís Alves	Guaramirim	Corupá	
	1995	1995	1997	1999	1999	2000	
	2ª safra	3ª safra	2ª safra	2ª safra	2ª safra	2ª safra	
Nanicão	78,1	77,2	81,9	87,0	80,3	78,0	80,4
Grande Naine	81,9	81,7	83,4	80,9	80,0	78,1	81,0
Williams	72,9	78,8	80,3	84,4	80,4	76,1	78,8
SCS452 Corupá	79,5	77,7	78,8	78,8	76,6	74,0	77,6
Nanica	72,1	75,4	76,1	-	-	-	-

do Litoral Norte de Santa Catarina, o SCS452 Corupá produziu cachos com peso médio de 18,601kg na primeira safra e de 26,959kg na segunda safra nos municípios de Luís Alves, Guaramirim e Corupá (Tabelas 5 e 6). Nas condições do Sul de Santa Catarina, produziu cachos com média de 19,457kg na primeira safra nos municípios de Jacinto Machado e Santa Rosa do Sul (Tabela 5).

No conjunto dos estudos realizados pela Epagri, o peso médio do cacho do SCS452 Corupá foi de 84,7% (primeira safra) e 81,8% (segunda safra) do peso médio do Nanicão, cultivar que lhe deu origem. Porém, por seu menor porte e por sua menor área de projeção da

copa, pode ser plantado em densidade até 20% superior à do Nanicão, o que compensa com sobras a desvantagem do peso médio do cacho. A duração do primeiro ciclo do SCS452 Corupá foi 5,4% mais curto que o do Nanicão. O intervalo entre os ciclos seguintes foi 6,8% mais curto no SCS452 Corupá. O menor ciclo de produção permite a colheita de um maior número de cachos ao longo do tempo de cultivo do bananal. Corroborando esses resultados, Sônego et al. (2010), em condições de cultivo orgânico em Urussanga, verificou que o cacho do SCS452 Corupá foi de 85,3% do peso médio do cacho do Nanicão na primeira safra, tendo produzido cachos

equivalentes aos deste cultivar na segunda safra.

O número de folhas no momento da floração do SCS452 Corupá acompanhou o padrão de outros cultivares do subgrupo Cavendish, variando em função do local e do nível de controle do mal de sigatoka (Tabela 7). A capacidade de multiplicação também acompanhou o padrão do subgrupo, com média de 11,6 filhotes no momento da primeira floração (Tabela 7).

A exemplo dos outros cultivares do subgrupo Cavendish, o SCS452 Corupá foi altamente suscetível ao mal de sigatoka quando avaliado pelos métodos da "primeira folha necrosada" ▶

Tabela 5. Peso médio dos cachos, em kg, de variedades e clones de bananeiras do subgrupo Cavendish, na primeira safra (planta-mãe). Dados coletados pela Epagri entre 1997 e 2003

Cultivar/clone	Local e ano de instalação							Média
	Itajaí 1995	Itajaí 1997	Luís Alves 1999	Guaramirim 1999	Corupá 2000	Jacinto Machado 1999	Santa Rosa 2000	
Nanicão	31,100	30,456	21,119	20,125	19,350	20,745	21,856	23,536
Grande Naine	33,260	31,651	14,655	20,240	20,217	20,695	22,195	23,273
Williams	23,920	27,324	21,633	19,974	17,884	19,998	20,854	21,655
SCS452 Corupá	30,340	26,477	19,105	19,442	17,255	18,456	20,458	21,643
Nanica	24,270	22,354	-	-	-	-	-	-

Tabela 6. Peso médio dos cachos, em kg, de variedades e clones de bananeiras do subgrupo Cavendish, na segunda e terceira safras (primeiro e segundo seguidores). Dados coletados pela Epagri entre 1997 e 2003

Cultivar/clone	Local, ano de instalação e safra (ciclo de produção)							Média
	Itajaí 1995	Itajaí 1995	Itajaí 1997	Luís Alves 1999	Guaramirim 1999	Corupá 2000		
	2ª safra	3ª safra	2ª safra	2ª safra	2ª safra	2ª safra		
Nanicão	35,613	31,220	35,613	36,014	26,230	24,445	31,522	
Grande Naine	40,399	35,584	37,992	28,516	29,588	28,037	33,353	
Williams	30,967	27,667	31,587	35,012	28,750	24,290	29,712	
SCS452 Corupá	32,150	28,717	30,994	28,317	27,739	24,821	28,790	
Nanica	26,610	26,800	27,852	-	-	-	-	

Tabela 7. Número médio de folhas viáveis e número médio de filhotes na época da primeira floração (primeiro ciclo)

Cultivar	Número de folhas na primeira floração, por local						Número de filhotes <sup>(3)</sup> em Itajaí
	Itajaí 1995 <sup>(1)</sup>	Urussanga <sup>(2)</sup>	Luís Alves <sup>(1)</sup>	Guaramirim <sup>(1)</sup>	Corupá <sup>(1)</sup>	Jacinto Machado <sup>(1)</sup>	
Nanicão	12,6	11,1	12,5	11,2	15,6	13,9	9,4
Grande Naine	13,4	9,3	10,6	11,2	14,2	12,7	9,6
Williams	12,5	11,3	12,2	11,3	14,4	12,3	10,6
SCS452 Corupá	12,5	10,1	12,1	11,7	16,0	13,1	11,6

<sup>(1)</sup> Dados coletados pela Epagri, de abril de 1996 a 2001, antes da primeira floração.

<sup>(2)</sup> Avaliações de Peruch & Sônego (2007) em área sem pulverizações para o controle da doença.

<sup>(3)</sup> Dados coletados em 2000.

(Tabela 8), de Stover modificado (Tabelas 9) e do “índice de severidade da doença” (Tabela 10). Pelo primeiro método, aplicado sempre no mês de abril, em plantas jovens, as manchas com o centro necrosado apareceram, em média, entre a quinta e a sétima folha (Tabela 8). Quando comparado a cultivares de outros subgrupos, pelos três métodos (Tabela 10), o SCS452 Corupá não diferiu do cultivar Prata Anã e diferiu do cultivar Thap Maeo, o primeiro suscetível e o segundo tolerante, segundo Lichtemberg et al. (2007).

Em nenhum dos estudos ocorreu manifestação de sintomas do mal do Panamá, o que indica que, como outros cultivares do subgrupo Cavendish, o SCS452 Corupá comportou-se como altamente tolerante a essa enfermidade.

## Perspectivas e problemas do novo cultivar SCS452 Corupá

O cultivar SCS452 Corupá é uma nova opção de bananeira de porte médio-baixo, para a produção de frutas do subgrupo Cavendish, que apresenta como principal diferencial positivo o porte mais baixo que os principais cultivares de seu subgrupo genético e comercial. Essa característica é positiva para a execução de tratamentos culturais, colheita e proteção contra os ventos. Em regiões de bananicultura irrigada, esse cultivar poderá ser cultivado sob pivô central.

O peso médio do cacho do SCS452 Corupá é menor do que o do cultivar Nanicão, que lhe deu origem, porém

seu menor porte permite cultivos em maiores densidades de plantio, o que compensa essa desvantagem.

Seu maior problema é a alta suscetibilidade ao mal de sigatoka, no que não difere dos principais cultivares do subgrupo Cavendish, exigindo controle da doença.

## Disponibilidade de mudas do novo cultivar SCS451 Catarina

Com o fechamento do Laboratório de Cultivo de Tecidos Vegetais, em Itajaí, e com a demanda crescente de mudas do novo cultivar, a Epagri está ampliando o jardim clonal desse material para atender as necessidades de explantes dos laboratórios nacionais

Tabela 8. Médias da avaliação da folha mais jovem com manchas do mal de sigatoka necrosadas em cultivares de bananeira do subgrupo Cavendish<sup>(1)</sup>

Cultivar	Local					Média
	Itajaí	Guaramirim	Corupá	Jacinto Machado	Urussanga <sup>(2)</sup>	
Nanicão	5,8	5,4	6,2	7,2	5,5	6,0
Grande Naine	5,7	5,1	6,3	6,4	6,0	5,9
Williams	5,8	4,9	5,0	6,8	6,0	5,7
SCS452 Corupá	5,9	5,4	6,2	7,2	5,8	6,1

<sup>(1)</sup> Dados coletados pela Epagri entre 1996 e 2003.

<sup>(2)</sup> Avaliações de Peruch & Sônego (2007) em área sem pulverizações para o controle da doença.

Tabela 9. Severidade do mal de sigatoka em cultivares de bananeira pelo método de Stover (1972) na época da floração. Epagri, 2010

Cultivar/clone	Local e ano de instalação e safra (ciclo de produção)								Média
	Itajaí 1ª safra	Luís Alves		Guaramirim		Corupá		Jacinto Machado 1ª safra	
		1ª safra	2ª safra	1ª safra	2ª safra	1ª safra	2ª safra		
Nanicão	0,78	1,56	1,20	0,96	1,45	1,95	1,71	0,61	1,28
Grande Naine	0,74	1,27	1,06	1,35	1,64	1,85	1,67	1,18	1,35
Williams	0,76	1,47	1,22	1,31	1,59	1,90	1,69	0,74	1,34
SCS452 Corupá	0,75	1,27	1,13	1,60	1,71	2,05	1,63	0,95	1,39

Tabela 10. Severidade do mal de sigatoka em cultivares de bananeira do subgrupo Cavendish comparada à dos cultivares Prata Anã e Thap Maeo em Itajaí e Urussanga. Epagri, 2010

Cultivar	Urussanga <sup>(1)</sup>				Itajaí <sup>(2)</sup>			
	NF <sup>(3)</sup>	ISD <sup>(4)</sup>	PFN <sup>(5)</sup>	STF <sup>(6)</sup>	STC <sup>(7)</sup>	NF <sup>(3)</sup>	PFN <sup>(5)</sup>	
Nanicão	11,1	7,1 A <sup>(8)</sup>	5,5 B	0,78 A	1,00 A	10,6	5,8 B	
Grande Naine	9,3	7,9 A	6,0 B	0,74 A	1,17 A	10,4	5,7 B	
Williams	9,0	9,5 A	6,0 B	0,76 A	1,08 A	10,5	5,8 B	
SCS452 Corupá	10,1	5,5 A	5,8 B	0,75 A	0,98 A	10,5	5,9 B	
Prata Anã	10,2	9,5 A	6,6 B	0,82 A	1,14 A	12,0	6,4 B	
Thap Maeo	10,7	0,5 B	9,5 A	0,21 B	0,56 B	14,1	9,8 A	

<sup>(1)</sup> Avaliações de Peruch & Sônego (2007) em área sem pulverizações para o controle da doença.

<sup>(2)</sup> Avaliações de STF e STC feitas na safra 2004/05, e avaliações de NF e PFN feitas em 2007, em bananal de nove meses, ambas em áreas pulverizadas.

<sup>(3)</sup> Número de folhas viáveis.

<sup>(4)</sup> Índice de severidade da doença.

<sup>(5)</sup> Primeira folha (mais jovem) com sintomas com centro marrom ou cinza.

<sup>(6)</sup> Avaliação pelo método de Stover (1972) modificado, na 5ª folha, na data da floração.

<sup>(7)</sup> Avaliação pelo método de Stover modificado, na 5ª folha, na data da colheita.

<sup>(8)</sup> Médias seguidas da mesma letra, na mesma coluna, não diferem entre si pelo teste de Scott Knot a 5% de probabilidade de erro.

credenciados pela Empresa para a multiplicação do SCS452 Corupá. Dessa forma, já em 2012 deverá haver uma boa disponibilidade de mudas desse cultivar no mercado nacional.

## Literatura citada

1. EPAGRI. **Dados do LAC** – Levantamento Agropecuário Catarinense. Florianópolis, 2004. Disponível em: <[http://www.epagri.sc.gov.br/Dados\\_do\\_LAC/tabelas/modulo4/Lavouras%20permanentes%20%20banana](http://www.epagri.sc.gov.br/Dados_do_LAC/tabelas/modulo4/Lavouras%20permanentes%20%20banana)>. Acesso em: 3 fev. 2008.

2. EPAGRI. **Síntese Anual da Agricultura 2008/2009**. Florianópolis, 2009. Disponível em: <[http://www.epagri.sc.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=272:síntese-anual-da-agricultura-20082009&catid=46:publicações&Itemid=1](http://www.epagri.sc.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=272:síntese-anual-da-agricultura-20082009&catid=46:publicações&Itemid=1)>. Acesso em: 12 fev. 2010.

3. IPGRI-INIBAP/CIRAD. **Descriptor para el banano (Muss spp.)**. Roma: Instituto Internacional de Recursos Filogenéticos; Montpellier: Rede Internacional para o Melhoramento de Banana e Plátano; Centro de Cooperação Internacional em

Pesquisa Agronômica para o Desenvolvimento, 1996. 58p.

4. LICHTENBERG, L.A.; GONÇALVES, M.I.F.; ZAFFARI, G.R. Banana. In: EPAGRI. **Avaliação de cultivares para o Estado de Santa Catarina 2007/2008**. Florianópolis: Epagri, 2007. p.30-37. (Epagri. Boletim Técnico, 128).

5. LICHTENBERG, L.A.; SÔNEGO, M.; HINZ, R.H. et al. Situação da produção de bananas e da pesquisa em bananicultura em Santa Catarina. In: SIMPÓSIO SOBRE A CULTURA DA BANANEIRA NOS TRÓPICOS DO CONE SUL, 1.; REUNIÃO DA REDE DE PESQUISA DE BANANA EM AMBIENTES SUBTROPICAIS DO CONE SUL, 2., 2010, Joinville, SC. **Anais.../Memórias...** Itajaí: Epagri, 2010. p.243-255.

6. MIRANDA, M.; LICHTENBERG, L.A. A bananicultura sul-brasileira. In: SIMPÓSIO SOBRE A CULTURA DA BANANEIRA NOS TRÓPICOS DO CONE SUL, 1.; REUNIÃO DA REDE DE PESQUISA DE BANANA EM AMBIENTES SUBTROPICAIS DO CONE SUL, 2., 2010, Joinville, SC. **Anais.../Memórias...** Itajaí: Epagri, 2010. p.70-89.

7. PERUCH, L.A.M.; SÔNEGO, M. Resistência de genótipos de bananeiras à Sigatoka Amarela sob cultivo orgânico. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v.2, n.3, p.86-93, 2007.

8. SÔNEGO, M.; PERUCH, L.A.M.; LICHTENBERG, L.A. et al. Características agronômicas de 21 cultivares de banana em sistema orgânico. **Agropecuária Catarinense**, v.23, n.3, p.47-49, 2010.

9. STOVER, R. H. **Banana, plantain and abaca disease**. Washington: Commonwealth Mycological Institute, 1972. 318p. ■